

A PROSA POÉTICA EM “O ESTRANHO”, DE SALMA SAYEGH

POETIC PROSE IN “THE STRANGER”, BY SALMA SAYEGH

Matheus Menezes¹

Resumo: Salma Sayegh (1889-1953) foi uma escritora e ativista libanesa cuja relevância literária e intelectual ainda é pouco reconhecida fora do meio acadêmico. Participante ativa da *Nahda*, a renovação das letras árabes na modernidade, destacou-se pela defesa dos direitos das mulheres e pela produção de crônicas, ensaios e contos que abordavam temas como a educação feminina e a identidade cultural árabe. Seus escritos refletiam preocupações sociais e filosóficas de sua época. O conto traduzido no artigo, intitulado *O estranho*, questiona o casamento como obrigação moral, utilizando uma abordagem narrativa poética e inovadora para a época de publicação do texto, o ano de 1923.

Palavras-chave: Literatura árabe; tradução; conto

Abstract: Salma Sayegh (1889-1953) was a Lebanese writer and activist whose literary and intellectual contributions remain largely unrecognized outside of academic circles. As an active participant in the *Nahda*, the modern revival of Arabic literature, she stood out for her advocacy of women's rights and her creation of chronicles, essays, and short stories that addressed important themes such as women's education and Arab cultural identity. Her writings reflect the social and philosophical concerns of her time. This article includes a translation of her short story “The Stranger,” which questions the notion of marriage as a moral obligation and employs a poetic and innovative narrative style for its time, having been published in 1923.

Keywords: Arabic literature; translation; short story

SALMA SAYEGH: UMA PIONEIRA ESQUECIDA

Nascida em Beirute no ano de 1889, Salma Sayegh foi uma escritora que se debruçou sobre diversos gêneros, como crônicas, contos e ensaios. Vinda de uma família de posses, Salma teve a chance de estudar a fundo a língua árabe e sua literatura. Ela foi educada na escola do convento Zahrat Alihsan. Depois, lecionou em escolas administradas pela Associação Islâmica de Caridade Almaqasid e em escolas francesas no Líbano (Radwa Ashour, Ferial Ghazoul e Hasna Reda-Makeshi 2008, p. 477). Seu interesse não era restrito apenas à língua e literatura árabe, ao longo da vida advogou e escreveu pelos direitos das mulheres do mundo árabe e divulgou suas ideias em periódicos como “A bela” (*Alhasna*), “A aurora” (*Alfajr*) e “A mulher” (*Almar'a*).

Salma fez parte de uma geração que viveu um período paradigmático para o pensamento árabe de maneira geral, a *Nahda*. Traduzida literalmente como “o despertar”, a *Nahda*

1 Doutorando em Estudos literários e culturais pelo programa LETRA – USP (Letras Estrangeiras e Tradução), onde desenvolve pesquisa sobre a imprensa árabe no Brasil e a literatura do *Mahjar* sul-americana. Atualmente é bolsista da Cátedra Edward Said (UNIFESP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3790564638287624>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1473-0675>. E-mail: matheusm68@gmail.com

foi um período histórico de renovação do pensamento e da literatura árabe em meio ao início do lento enfraquecimento do Império Turco-Otomano e da expedição colonial da Europa ao Oriente Médio. Nesse período, profundas transformações ocorreram ao longo dos séculos XVIII e XIX, em todo o território árabe, de maneira heterogênea e cronologicamente distinta. Há muita literatura e, conseqüentemente, muitos vieses sobre este período, entretanto Patel faz uma leitura interessante ao dizer que a *Nahda* foi o produto de uma combinação de desenvolvimento nativo e assistência externa (Abdulrazzak Patel, 2013, p. 16). Havia no bojo de muitos países árabes certa ânsia por reformas profundas, o contato com a tradição ocidental através da traumática entrada europeia em territórios árabes serviu como impulso para essas reformas, que foram alvo de disputas por diversos grupos, como os reformistas islâmicos, reformistas cristãos e grupos ortodoxos muçulmanos, que possuíam visões diversas acerca das reformas que visavam um novo projeto civilizacional.

Este longo e difuso processo alterou os mais diversos campos da arte e do saber, como o pensamento político, a filosofia, a imprensa, a literatura, etc. Na bagagem inseriu-se também debates comportamentais, como por exemplo o papel da mulher naquelas sociedades em profunda transformação. Nesse contexto, as duas primeiras décadas do século XX foram cultural e intelectualmente efervescentes em países como Egito, Síria e Líbano. Esses países viram nascer instituições que lutavam pelos direitos das mulheres e salões literários, comandados e frequentados por mulheres, onde se produzia e discutia literatura, uma recente tradição que havia se iniciado de maneira mais discreta no final do século XIX (Ashour, Ghazoul e Reda-Mekdashi, 2008, p. 4).

Salma Sayegh foi uma das pioneiras que esteve à frente de um desses salões, além de nos anos 20 do século XX, ao lado de Khanum e Ibtihaj Qaddura, Najla Kfoury, Hunayneh Tarsha e Anbara Salam Khalidi, ter criado uma associação, cujo nome pode ser traduzido como Associação do Despertar Feminino (*Jam'iyyat Alnahda Alnisa'iyya*) (Anbara Salam Khalidi, 2013, p. 104), grupo que juntou mulheres para defender o pluralismo religioso e a unidade do Líbano, assim como para apregoar a igualdade de gênero (Gloria Flores Rubiales, 2023, p. 104). Em sua autobiografia, Anbara Salam Khalidi descreve Salma como:

uma renomada oradora pública que era muito admirada pelos círculos literários de sua época e era uma excelente estilista de prosa que sempre expressava suas opiniões de forma racional e sábia, raramente perdendo a chance de comentar sobre alguma questão pública, fosse social, política ou literária. Ela era uma mulher de grande sensibilidade, elegantemente vestida, muito terna em sentimentos, nunca medindo suas palavras, nunca faltando coragem para expressar suas opiniões e mergulhada nas culturas ocidental e árabe (Khalid, 2013, p. 118)

A inteligência e militância de Salma não ficaram circunscritas ao território árabe, a autora passou um período de oito anos de sua vida no Brasil, de 1939 a 1947, após embarcar em uma busca pelo seu irmão que havia desaparecido (Rubiales, 2023, p. 103). Em São Paulo, ela conhece a parcela intelectual da diáspora árabe, responsável à época pela Revista

■ traduções e perspectivas literárias

da Liga Andaluza, periódico de Literatura e Artes editado por essa comunidade entre os anos de 1935 e 1953. Salma se junta ao grupo e publica textos ao longo de algumas edições. Entre esses textos é possível mapear certo interesse da autora pela literatura brasileira, isso porque em uma edição publicada no ano de 1948 há a tradução ao árabe de um texto literário brasileiro. O texto é de Helena Silveira, que anos mais tarde ficaria reconhecida como uma das grandes críticas de televisão do Brasil². O conto traduzido se chama em português “A carta”, publicado no livro “A humilde espera”, de 1944, que trata da carta escrita por uma mulher insatisfeita com a vida conjugal.

Após sua passagem ao Brasil, Sayegh retorna ao Líbano, onde faleceria pouco tempo depois, em 1953, aos 63 anos. Infelizmente, seu legado é bastante negligenciado. Apesar de ser reconhecida enquanto pioneira por certa parte de estudiosos da *Nahda*, esse parco reconhecimento não se estende para fora desse pequeno círculo, o que se evidencia também no fato de não haver indícios de tradução de qualquer um de seus livros ou artigos para nenhuma língua estrangeira, a despeito de seu distinto requinte literário.

A OBRA TRADUZIDA

No ano de 1923, Sayegh publica a obra *Alnasamat*, que pode ser traduzido literalmente como “brisas”, uma compilação de textos literários curtos, ensaios e artigos³. O livro em questão é um excelente retrato do tom da obra da autora em sua totalidade, uma vez que em seus livros sempre há a mescla de distintos gêneros para formar uma miscelânea de formas. O denominador comum em sua escrita é seu viés poético, já que em seus textos, literários e não literários, há uma forte inclinação poética (Rose Ghurayib, 1985, p. 5). Nessa obra se encontram textos sobre temas diversos, como a educação das mulheres, a educação nacional libanesa, a língua árabe e a maternidade. Além dos ensaios, há também escritos literários.

A temática da vida feminina também está no texto traduzido neste artigo, e esse tema se evidencia de maneira não óbvia. O conto “O estranho” apresenta uma figura feminina cruel, cujos desejos supérfluos e histriônicos causam um profundo desconforto em seu companheiro. Da leitura, pode-se depreender que seu intuito não é vilanizar essa personagem, antes, seu interesse reside em questionar a instituição do casamento como uma obrigação moral a ser seguida. A pergunta que paira é: “por que razão um casal que se detesta continua unido a despeito do amor que já não existe?”. É interessante notar que o conto em questão é escrito em uma prosa poética bastante esmerada, além de trazer experimentações na própria narrativa, já que a narração do conto se divide em duas vozes: uma misteriosa e ambígua, amigável

2 Reportagem sobre Helena Silveira: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/08/helena-silveira-se-destacou-na-critica-de-tv-nos-anos-1970.shtml>. Último acesso em: 13/08/2025

3 A versão utilizada para a tradução está disponível de maneira gratuita no site da editora Hindawi: <https://www.hindawi.org/books/57097372/>. Último acesso: 20/01/2025.

■ traduções e perspectivas literárias

ao mesmo tempo que distante, que inicia e encerra o conto e questiona o porquê dessa relação prosseguir; e a segunda voz, do marido insatisfeito com a esposa.

Esse flerte com certa tendência narratológica experimental se funde com um léxico requintado e uma sintaxe bastante rebuscada, dando um verniz barroco à prosa poética de Salma. Manter o registro desse uso da linguagem se apresentou como a maior dificuldade da tradução, pois foi necessário desprender esforços para que essa manipulação rococó da escrita se fizesse presente também na tradução. Dito isso, há a consciência de que nem sempre foi possível manter tal equivalência ao longo de todo o texto.

O ESTRANHO⁴

O estranho se sentou comigo como se eu fosse uma alma irmã.

Seu segredo a efervescer em seu peito.

E seu amargor ascendeu aos seus lábios.

Estava prestes a regurgitar seu coração pela boca para arremessá-lo à mão amiga;

Estava prestes a me revelar as marcas da resignação em suas bochechas;

Estava prestes a me mostrar os grilhões comprimindo seus pés e suas mãos.

Mas ele desistiu, calando-se. O segredo retornou a seu peito, o amargor voltou ao fígado e os grilhões se esconderam sob sua veste para que eu não visse o atestado de sua fragilidade. A admissão da derrota fere a alma dos homens.

O estranho silenciou e permaneceu em seu silêncio.

Minha mente vagou no espaço da memória e imaginei os dias de sua juventude. Imaginei quando era um garoto aéreo, sua vida passava em minha imaginação, verde como a primavera, fresca como o orvalho da manhã, secreta como a conversa do plenilúnio, doce como a escuridão das noites, macia e delicada como a pele das crianças. Então, ele se levantou, se despediu e partiu. Enquanto dobrava as curvas do caminho, sussurrou para si mesmo:

Cale-se, meu coração, até que a morte nos separe.

O estranho viajou distâncias para combater os dias. Os dias são uma violenta corrente, inconsequente, arrasta os fracos e os envolve na espuma de suas ondas para arremessá-los ao tenebroso mar! E a vida é uma taberna gerida pela mão de belas garotas que dispõem sobre suas mesas copos de leite e frutos salutares. Elas param em frente às portas, em coro, para receber aqueles que entram, quanto aos de feição deprimida, são estapeados e atirados para fora.

4 Traduzido do árabe por Matheus Menezes e revisado por Isabela Alves Pereira.

■ traduções e perspectivas literárias

A depressão é uma epidemia da qual fogem os comilões, os beberrões e os foliões.

O estranho viajou, lá entre a multidão de forasteiros seu coração foi afligido pela saudade de um amigo que pudesse consolá-lo. Então escreveu para mim dizendo:

Na hora em que as ondas difíceis da vida jogam comigo, busco por uma doce mão para afagar minha testa flamejante. Portanto, permita-me revelar um segredo que de mim se apodera, permita-me te dizer: Nesta vida, ó companheira de luta, sou mais desgraçado do que pensa. É capricho de um coração aflito, perdoe-o e preserve-o; queixar-se a outro que não Deus é humilhação.

O estranho retornou e se sentou ao meu lado. Era como se seu grito rompesse com os grilhões de seu orgulho e revelasse o segredo de seu tormento, o segredo de sua fraqueza, o segredo de seu fracasso, o segredo de sua sorte cega! Pois a sorte que reluz acompanha a mente resplandecente. A mente deveria iluminar quem foi acossado pela escuridão da privação, consumido por sussurros de ciúme e dúvida, que se aninharam em seu interior, do âmago até suas bordas, um único sentimento que incessantemente zumba e ressoa:

Sou um pária, sou odiado, sou estranho.

Eu sou estranho. Disse o estranho:

Sou estranho em meu trabalho. Eu o encaro enquanto minha alma se contrai, minha força retrai e minhas ideias escasseiam. O trabalho é amado se o trabalhador possui um propósito na vida, se o trabalho lhe traz frutos que pode entregar nas mãos de uma companheira carinhosa e satisfeita, que reconheça o sentido do cansaço e do esforço, que entenda que o suor que escorre da testa de um companheiro é sangue e que cada gota é um dia de sua juventude que se esvai para não mais voltar.

A produção - por mais desprezível que seja - se torna amada se sua companheira te enxerga como o amante ideal que a conforta ante as dificuldades e a protege da humilhação da dúvida.

Mas! Quando levo até minha companheira os frutos do meu trabalho, ela me olha do alto de seu orgulho e diz: que mixaria, não me sacia. Passa a enumerar os espaços vazios da casa, o que é necessário para que seu guarda-roupa fique cheio, e cita, ressentida, o vestido de fulana e a mesa de cicrano. Ah! Como minha alma se encolhe em suas dores e como sentimentos de ultraje, pequenez e carência disputam meu coração! Como meu espírito lamenta, ele que vê na vida uma atmosfera livre, espaçosa e radiante, onde voam o casal, a dois, enamorados, banhados nas ondas de luz antes do apagar das luzes, no orvalho da aurora antes do escurecer das manhãs!

■ traduções e perspectivas literárias

Como lamenta meu espírito, ele que vê no lar um ninho onde residem os corações, e agora já não passa de um campo para a vã ostentação e amor de absurdas aparências.

Em meu lar eu sou um estranho. Ao anoitecer, os homens correm para seus abrigos. Eu arrasto meu corpo lânguido para meu inferno, encontro-o tomado por luzes e lotado pelas visitas. Vejo minha companheira vestida com seus tecidos caros como se fosse uma imperatriz no auge de sua glória e poder. Os homens ao seu redor flertando, cortejando e se curvando ao suave entoar de sua voz, como se ouvissem ao arrulhar de uma pomba. Reparo nos copeiros - como o que há na casa dos magnatas - enchendo copos e taças, então penso em como meu sangue está sendo desperdiçado em ostentações vazias e bajulações infames. Os convidados se vão, me aproximo dela para despejar minha fadiga sobre seus pequenos pés, para encostar minha cabeça em seu coração e escutar - uma única vez - a melodia da vida, antes que a vida em nós se dissipe, mas... logo sua testa se contrai, seus olhos escurecem, seus lábios enrijecem e sua feição - que até então estava amável, convidativa e sorridente - se reveste em uma máscara dura e fria.

Assim é meu lar! Que vergonha, quão sombria é sua escuridão! Pobre de mim que fixo meus olhos nele e ressoam em suas paredes histórias de minha infelicidade e miséria.

Nessas mesas meu nome não está escrito, essas taças não estão cheias de flores para que meu espírito nelas possa descansar, essas almofadas que minha companheira engalana com seda prateada e dourada não foram feitas para eu recostar meu tronco fatigado. As lâmpadas cobertas por cores espalham pelos assentos as rugas profundas da noite, e essas lâmpadas não são decoradas para levar o sussurro das noites ao meu coração!

Este é meu lar! Eu desprezo este lar.

Já sonhei com um paraíso que fosse abençoado por um rei generoso, entretanto estou no inferno. Meu anjo é uma mulher exibida, uma farsante que a cada hora que passa veste uma nova face. Além de mentirosa... Ela desfruta do dinheiro de um homem que não ama e nem mesmo suporta estar perto.

Em meu amor sou estranho. Olho em vão seus olhos em busca daquela velha chama, a mesma do dia em que a tirar da clausura de sua mãe em uma noite fria, ela arrancou as flores brancas da cerimônia de casamento e tomei seus pés gelados em minhas mãos para esquentá-los com a calidez de minha respiração.

Em vão procuro pela chama que brilhou em seus olhos enquanto sussurrava aos meus ouvidos que me amava. Ela estava feliz.

Rápido assim o amor alçou voo para longe, rápido assim as preocupações de uma vida terrena e sinuosa tomaram conta. Perfumes, vestidos, chapéus, até mesmo os sapatos estão mais próximos a ela do que eu. Outros homens possuem superioridade, brilhantismo e

■ traduções e perspectivas literárias

preferência; este é um nobre, este é um músico, este é poeta, aquele fala três línguas, aquele outro possui um automóvel, esses jogam poker, o jogo dos magnatas, aqueles são homens de salão e aqueles dançam com graça e harmonia.

Apenas eu não possuo virtudes para ser digno de sua inveja, nem mesmo qualquer distinção para ser digno de seu amor. Se eu falo, transparece em sua face sinais de irritação; se exponho minha opinião, logo ela defende o contrário; se seguro suas mãos em minhas mãos, sinto-as se retraindo e se enrijecendo; se as levo aos meus lábios, elas recuam e dispersam em um movimento seco e avesso, então sinto o veneno da aversão percorrer meu sangue. Sinto-me mais rebaixado que um escravo, mais baixo que um verme colado à terra.

O estranho terminou os cânticos de sua alienação e então riu um sorriso amarelo; ele é um homem e homens não choram.

Ele se levantou, se despediu e partiu. Enquanto caminhava pelas curvas do caminho, sussurrou para si mesmo:

Paciência, meu coração, até que a morte nos separe.

Por que esses dois estranhos vivem juntos?

E por que esse estranho não o mandou embora para se refugiar em uma caverna desolada, para dormir em meio a terra, para se cobrir com suas pedras e rochas?

Por quê?

Por quê?

Por que essa mulher não se casa com os frascos de perfume, as caixas de chapéus ou com seus sapatos?

Por que ela não se une àqueles que se encontram com ela e a ouvem com simpatia e zelo?

Por que ela suportou sua vida inteira ao lado de um homem por quem sente repulsa com todos seus sentidos, gotas de seu sangue e átomos de seu corpo?

Por quê?

Por quê?

الغريب

جلس الغريب إليّ كما إلى نفس شقيقة،
فجاش سره في صدره،
وتصاعدت مرارته إلى شفتيه،
وهم أن يلفظ قلبه من فيه ويرميه في كف رفيقة،
وهم أن يريني آثار النخاسة على وجنتيه،
وهم أن يريني الأصفاذ الضاغطة على يديه ورجليه،

ولكنه تراجع، ووجع، فأرجع سره إلى صدره، ورد مرارته إلى كبده، وأخفى أصفاده تحت أثوابه؛ كي لا أرى وثائق انكساره، لأن الإقرار بالخيبة يؤلم نفوس الرجال. وسكت الغريب وطال سكوته.

فخلق فكري في جواء الذكرى، وتمثلته في أيام فتوته، تمثلته يوم كان ولدًا طيارًا، ومُرّت حياته في خيالي خضراء كالربيع، روية كندى الصباح، سرية كحديث البدر، عذبة كظلمة الليالي، وغضة ونضرة كبشرة الأطفال، ثم نهض وسلم ومضى، ولما سار في منعطف السبيل همس لنفسه:

اسكت يا قلبي حتى الممات.

وسافر الغريب بعيدًا لمكافحة الأيام، والأيام تيار عنيف، أھوج، يسحب الضعفاء ويكفهم بأمواله ذات الزبد ثم يرميهم في بحر الظلمات! والحياة مقصف هياته أيدي الغواني، وصفت على موانده أكواب الغبطة وأثمار الهناء، ووقفت أجواقهن على بابه تستقبل الداخلين، فمن كان عابسًا كئيبيًا صُنع وطرح خارجًا. لأن الكآبة وباء يهرب منه الأكلون والراقصون والشاربون.

سافر الغريب، وهناك بين الجماهير الأعراب عصاف في قلبه شوق إلى صديق يحن ويؤاسي، فكتب إليّ يقول: في ساعة تلعب بي أمواج الحياة القاهرة أفتش على يد لطيفة أمرها على جيبني الملتهب، فدعيني أبوح بسرّ يغالبني وأغالبه، دعيني أقول لك: إنني شقيّ أكثر مما تظنين يا أخت المجاهدين في هذه الحياة! إنها نزوة من قلب مكلوم، اغفر ليها واستري؛ فالشكوى لغير الله ذلّ.

ورجع الغريب، وجلس إليّ، وكان صرخته تلك فككت قيود كبريائه فباح بسرّ عذابه، وسرّ نحوله، وسرّ خبيته، وسرّ حظه الأعمى! لأن الحظ اللامع أليف الفكر اللامع، وأنى للفكر أن ينور وقد أطبقت عليه ظلمات لحرمان، وتأكلته وساوس الغيرة والشك، وعشش فيه، في الثنايا منه، والحنايا والزوايا شعور واحد، لا يبرح يطن ويرن: إنني منبوذ، إنني مكروه، إنني غريب. أنا غريب. قال الغريب:

غريب أنا في عملي، أباشره ونفسي تنقبض، وقواي تخور، وفكرتي تتضاءل. العمل يُحبّ إذا كان للعامل غاية في الحياة، إذا كان يحمل نتائج عمله ويضعها بين يدي رفيقة مُحبة قنوعة، تعرف معنى الأتعاب والجهود، وتقدر أن العرق المتصبب من جبين الرفيق هي دماء، كل قطرة منها يوم من أيام الشباب تكّر ولا تعود. الإنتاج — مهما كان حقيرًا — يُحبّ إذا رأت فيه الرفيقة فكرة محب يجابه عنها المصاعب، ويحميها من ذل السؤال.

ولكن! عندما أحمل إلى رفيقتي ثمار عملي فتتظر إليه من علوّ كبريائها وتقول: إنه قليل لا يشفي غليلاً. وتُعِدّ ما في البيت من الفراغ، وما يلزم لحزناتها حتى تمتلئ، وتذكر بحرقة ثوب فلانة ومائدة فلان. أه! كم تنكش نفسي على أوجاعها، وكم تتسابق إلى قلبي شوارع الذل، والصغر، والمسكنة! وكم تنتحب روحي، تلك التي ترى الحياة جَوْاً حرّاً فسيحاً نيرًا، يطير فيه الزوجان الفين، اثنتين، مغتسلين بأمواج النور قبل أن تتوارى الأنوار، ويندى الصباح قبل أن تظلم الأصباح! أه! كيف تنتحب روحي، تلك التي ترى البيت عشياً تسكن إليه القلوب قد أصبح ميداناً للمفاخرة الحمقاء وحب الظهور السخيف! وفي بيتي أنا غريب، عندما يترأّض الرجال مساءً إلى أوكارهم أسحب جسدي المضنى إلى جحيمي، فأراه متلألئاً بالأنوار، مكتظاً بالزائرين والزائرات، وأرى رفيقتي تميز بالأثواب الغالية كإمبراطورة في عزها وسلطانها، والرجال من حولها يتوددون ويتحبنون ويصغون إلى صوتها تُنغمه وتُنغمه كهديل الحمام، وأرى الخدم — كما في بيوت الكبراء — يطوفون بالأكواب والأفداح، فأفكر كيف تهدر دمائي ثمناً للنفخة الفارغة، والانتفاش الفاضح. ويذهب الزوار، فأدنو منها لأطرح أتعابي عند قدميها الصغيرتين، لأسند رأسي إلى قلبها وأسمع — مرة واحدة — لحن الحياة قبل أن تتلاشى فينا الحياة، ولكن! سرعان ما ينكمش جبينها، وتظلم عيناها، ويقسو فمها، ويلبس وجهها — الذي كان منذ برهة أنيساً رحباً بساماً — قناع البرودة والجفاف.

هذا البيت! أفّ له، ما أظلم اسوداده! وتعمّأ لي عندما أجيل عينيّ فيه فتتردد من جوانبه حكايات شقائي وبؤسي. هذه الموائد لا تصف "لي" وهذه الأكواب لا تملأ زهوًا لترتاح إليها روحي، وهذه الوسائد التي تتفنن رفيقتي في صنعها من حرائر مفضضة ومذهبة لم تصنع لأسند إليها أضلاعي التعب، وهذه الأنوار المغطاة بألوان تنثر على الجلوس أسارير الليل العميقة، هذه الأنوار لم تزيّن لتحمل همس الليالي إلى قلبي!

هذا البيت! أفّ لهذا البيت.

حلمته جنة أنعم فيها بملك كريم، فإذا هو جحيم، وإذا ملاكي امرأة دعيّة، خداعة تلبس لكل ساعة وجهًا، وكذّابة ... لأنها تتمتع بمال رجل لا تحبه ولا تحتمل قربه.

وفي حبي أنا غريب، عبثًا أنظر في عينيها كي أرى ذلك القيس القديم، يوم حملتها من خدر أمها في ليلة باردة، ونزعت أزهار عرسها البيضاء، وأخذت قدميها الباردين بين كفيّ أدفنهما بحرّ أنفاسي.

عبثًا أفتش عن قيس ملع في عينيها ساعة همست في أذني أنها تحبني، وأنها سعيدة. سرعان ما حلّق الحب بعيدًا، سرعان ما أخذت مكاني مشاغل الحياة العملية العجاء، فالعطور، والأثواب، والقيبعات، حتى والأحذية أقرب إليها مني، ولكل من الرجال أسبقية والمعية وأفضلية؛ هذا نبيل، وهذا موسيقي، وهذا شاعر، ذاك يتكلم ثلاث

لغات، وذاك له سيارة، وهؤلاء يلعبون البوكر لعب "كبار" وأولئك رجال صالونات، وهذان يرقصان بلباقة ورشاقة. وأنا وحدي لا فضيلة لي أغبط عليها، ولا مزية أحب من أجلها، إن تكلمت ظهرت على وجهها علامات «العصبية»، وإن أعربت عن رأي أسرعت للدفاع عن ضده، وإن أخذت يدها بيدي أشعر أنها تتقلص وتقسو، وإن رفعتها إلى شفتي نكصت وتباعدت بحركة جفاف ونفور، فأشعر بسم البغضاء يتمشى في دمي، وأشعر أنني أذل من عبد، وأحقر من دودة تلصق بالتراب.

انتهى الغريب من أنشودة غربته ثم ضحك ضحكة صفراء؛ لأنه رجل والرجال لا يكونون. ونهض وسلم ومضى، وملا صار في منعطف السبيل همس لنفسه: اصبر يا قلبي حتى الممات.

لماذا يعيش هذان الغريبان معاً؟
ولماذا لا يطرد هذا الغريب فيأوي إلى مغارة جرداء يفترش غبراءها، ويألف مع حجارته وأصلادها.

لماذا؟

لماذا؟

لماذا لا تنزوج هذه امرأة أكواب العطور وصناديق القبعات والأحذية؟
لماذا لا تلحق بهؤلاء الذين تجلس إليهم وكلها إصغاء، وعطف، ومحبة؟
ولماذا تحتل طول حياتها قرب رجل تنفر منه كل حاسة من حواسها، وكل نقطة من دماغها، وكل ذرة من ذراتها؟

لماذا؟

لماذا؟

REFERÊNCIAS

ASHOUR, Radwa; GHAZOUL, Ferial. J.; REDA-MEKDASHI, Hasna. *Arab Women Writers: A Critical Reference Guide 1873–1999*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2008.

GHURAYIB, Rose. "Arab Feminine Literature Between 1850 and 1950". *Al-Raida Journal*, 1985, pp. 4-5.

KHALIDI, Anbara Salam. *Memoirs of an Early Arab Feminist: The Life and Activism of Anbara Salam Khalidi*. Londres: Pluto Press, 2013.

PATEL, Abdulzrazzak. *The Arab Nahdah: The Making of the Intellectual and Humanist Movement*. Edimburgo, Edinburgh University Press, 2013.

RUBIALES, Gloria Flores. "Salmà Sā'ig y Salwà Salāma Atlas: dos escritoras del mahyar en Brasil". *DEVENIRES*. Ano xxiv, Num. 47, 2023, pp. 85-109.

SAYEGH, Salma. *Al-Nasamāt*. Chipre: Hindawi, 2017.



Artigo licenciado sob Licença Creative Commons (CC-BY-NC-SA)
<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>